

O EFEITO CALEIDOSCÓPIO DAS ÁGUAS NA FICÇÃO

MARI GUIMARÃES SOUSA¹

A imaginação é a faculdade de formar imagens que
ultrapassam a realidade, que cantam a realidade.
A imaginação inventa mais que coisas e dramas,
inventa vida nova
Gaston Bachelard

Tales de Mileto (GAARDER, 1995), filósofo da natureza, considerava a água a origem de todas as coisas, enquanto que para Heráclito a morte era a própria água. Bachelard (1998), por sua vez, dedicou-se ao estudo psicológico das variações das águas: águas claras, primaveris, correntes, profundas, suaves, violentas e, especialmente, a água como mestre da linguagem. Assim, o termo água possui múltiplas significações. Sua simbologia varia de acordo com os ambientes e com as culturas.

A água corresponde, assim, a uma fonte de energia imprescindível, sem a qual não existiria vida no planeta, pois a água sustenta a vida, a criação. Talvez por isso, a água sempre exerceu e exerce um inexplicável e místico fascínio nas pessoas. Não é por acaso que procuramos praias, rios, lagos, lagoas, cachoeiras, bem como as piscinas artificiais como fonte primordial de recreação e recomposição das energias perdidas.

A água, elemento primordial para a vida do planeta, aparece em todos os mitos cosmogônicos. Sua simbologia apresenta três temas considerados dominantes por Chevalier e Gheerbrant (1999), seja como **fonte de vida, meio de purificação** e como **centro de regenerescência**. Tais temáticas acham-se presentes nas mais antigas tradições e compõem as mais diversas combinações imaginárias. Desde a mais remota antiguidade o homem pressente a importância que tem o elemento água enquanto fonte de energia imprescindível tanto para o surgimento como para a manutenção da vida em todo o planeta Terra.

Na tradição *iorubá*, por exemplo, água precede a forma, sustenta a criação, representa a força das Grandes Mães, a força da mulher, a origem da vida. Falar da água é falar da força feminina. Vários orixás participam do elemento água: Nanã-Buruku – deusa das águas

¹ Graduada em Letras (Inglês), Especialização em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa e Mestranda do Curso Cultura & Turismo da UESC– Ilhéus, BA. e-mail: marigsousa@hotmail.com.

paradas, Oxum - deusa das águas doces dos rios, e Iemanjá - rainha do mar, mãe de todos os homens, pois o mar é o grande símbolo de união entre os povos (REIS, 2000).

Tais concepções da água ainda habitam o imaginário, e a prova disso é a predominância de narrativas que exploram as águas sejam como cenários, ou como protagonistas, em suas histórias. Essa temática, tão antiga quanto a própria humanidade, manifesta-se nas diversas lendas da criação a exemplo da Mitologia Grega quando narra o nascimento de Oceano, o primeiro deus das águas.² Ainda, nas tradições judaica e cristã, a água representa, fundamentalmente, a origem de toda criação. O Gênesis conta que no início, quando a terra se encontrava ainda disforme, o espírito de Deus pairava sobre as águas, e após a concepção da luz, disse Deus:

Faça-se o firmamento no meio das águas, e separe umas águas das outras águas. E fez Deus o firmamento, e separou as águas, que estavam sob o firmamento, daquelas que estavam por cima do firmamento. E assim se fez.[...] Disse também Deus: As águas que estão debaixo do céu, ajuntem-se num só lugar, e apareça o (elemento) árido. E assim se fez. E Deus chamou ao árido terra, e ao conjunto das águas chamou mares. E Deus viu que isto era bom. (GÊNESIS, 1: 6-11).

Muitos outros episódios bíblicos abordam o imaginário das águas como *O Dilúvio* (Gen 6, 17) cujas águas cobriram toda a terra por cento e quarenta dias. Em *a Ruína dos Ímpios; Libertação de Israel* (Is., 27-1) há um episódio que narra o triunfo do Cristo sobre o monstro marinho, símbolo do mal, e muitos outros episódios. A idéia de monstros marinhos, sempre presente em nosso imaginário, é tributário do temor que sentimos ante a vastidão do mar. O Corão o “apresenta como um símbolo do poder e da benevolência divina e [também] de sua violência, uma das características fundamentais do Apocalipse.” (SABBAGHI, 1991).

Trazendo mais para perto da nossa realidade, faz-se imprescindível ressaltar a temerosa relação do homem com os oceanos, pois muito antes da Expansão Marítima Portuguesa, no séc. XV, o homem contemplava o mar e já sonhava com os grandes perigos a serem enfrentados por aqueles que ousassem se aventurar. O mar se apresentava como a grande fronteira que precisava ser vencida. É que os homens daquela época acreditavam que monstros terríveis e que seres fantásticos habitavam as profundezas dos oceanos. E que verdadeiros abismos poderiam surgir inesperadamente diante de suas rudimentares embarcações, levando-os todos à morte. Daí que o mar durante muito tempo representou o símbolo máximo de força e de poder.

² Oceano, filho de Urano (Céu) e de Gaia (Terra), ao casar-se com Tétis, sua irmã, gerou milhares de filhos: três mil rios e três mil Oceânidas (personificações de riachos, fontes e outros cursos d'água)

Os portugueses foram, entre os séculos XV e XVII, os grandes desbravadores *dos mares nunca dantes navegados*. No poema *Mensagem*, Fernando Pessoa faz referência ao gigante Adamastor de *Os Lusíadas*, de Camões, essa figura que representou o Cabo das Tormentas simbolizava, na época, os perigos e tormentas enfrentados pelos navegadores lusitanos. Curiosamente o poema chama-se *O Monstrengo*.(1998).

Na Literatura Baiana destacam-se, com essa temática, os poetas Gregório de Matos, Castro Alves e Sosígenes Costa, com destaque para o longo poema intitulado *Iararana*, “onde ao substantivo *iara* (do tupi *ig*, água, *iara*, senhor) se junta o sufixo também típico *-rana*, ‘semelhante a’. Lembra Câmara Cascudo ser a *iara* ou mãe d’água uma criação do indianismo literário, que buscava assim abraçar a figura da sereia sedutora de homens [...] *Iararana* é a falsa *iara*, a *iara* branca, mestiça, nascida da violação da mãe d’água do Jequitinhonha por Tupã-Cavalo, o centauro invasor.” (PAES, 1959, p.). Também grandes prosadores como Jorge Amado e Adonias Filho, que apresentaram a beleza singular do mar da Bahia enquanto cenário de grandes obras reconhecidas no país e no exterior, a exemplo de *Mar Morto* e *Gabriela, Cravo e Canela* de Jorge Amado e *Luanda, Beira, Bahia* de Adonias Filho.

Em seu artigo *O Mar, um tema eterno*, Hélio Pólvora (1999, p. 28) nos lembra que “o mar com os seus mistérios, perigos e belezas, com a sua capacidade de pôr à prova o valor moral do homem, sempre será um **tema eterno**” pois “**povoam-lhe o imaginário**, atizam-lhe o espírito de aventura” [grifos nossos].

Paralelo às narrativas ficcionais, há registros históricos de relatos cuja temática gira em torno dos monstros marinhos. Refiro-me à literatura sobre monstros do Novo Mundo, escrita nos séculos XVI, XVII e XVIII. A exemplo disso, Frei Vicente do Salvador conta que “na capitania de São Vicente, na era de 1564, saiu fora de água um monstro marinho à praia, o qual, visto de um mancebo chamado Baltasar Ferreira, filho do capitão [...] Era este monstruoso peixe de quinze palmos de comprimento, não tinha escama senão pele.” (1965); Também Rocha Pitta (1950), em *História da América Portuguesa*, faz uma descrição no mínimo curiosa: “é a baleia estupendo parto das ondas, útil monstro do mar; têm as verdadeiras setenta palmos de comprimento, vinte e seis de largura e dezoito de alto; sendo peixe, todo o seu corpo é toucinho e carne; todas as suas espinhas são ossos [...] O amor, que este monstro tem aos filhos, é também monstruoso, por eles se deixam matar”. Essa denominação de monstro remete-nos a idéia de espanto. Ao deparar-se com o desconhecido, com o excessivamente extraordinário por se tratar de algo nunca visto dantes, o homem se utiliza do vocábulo para expressar seu deslumbramento. Esses fatos, ao serem narrados,

recebem uma carga imaginária muito intensa que se constituirá, posteriormente, em narrativas fantásticas.

Afonso Taunay (1876-1958) em seus livros, *Monstros e Monstregos do Brasil* (1998) – e *Zoologia Fantástica do Brasil* (1998) faz uma revisão bibliográfica sobre a fauna brasileira nos séculos XVI, XVII e XVIII. A obra reúne passagens extraídas de relatos dos viajantes e missionários que visitaram ou moraram no Brasil a partir de Pero Vaz de Caminha. Trata-se, portanto, de um resgate precioso sobre o imaginário desses viajantes cujos primeiros contatos com esses seres considerados monstruosos, justamente por ser uma fauna completamente diferente da europeia, impressionaram tanto a esses aventureiros a ponto de se registrar como verdadeiros documentos históricos. O trabalho realizado por Taunay se constitui, além de grande contribuição para as atuais pesquisas teratológicas, numa base de estudo “pela história das mentalidades e da cultura”, conforme disse Mary Del Priore, organizadora do volume.

Apesar de toda essa herança imaginária sobre o mar, cujo teor simbólico representa simultaneamente a imagem da vida e a da morte (Chevalier, 1999), atualmente o mesmo já não é mais percebido como um meio tão perigoso e hostil, mas antes como espaço admirável, consagrado ao lazer e ao divertimento. No entanto, a riqueza desse imaginário não se esgotou. Pelo contrário, há ainda muitos mistérios a serem desvendados, muitas histórias a serem concretizadas conforme a grandiosa inventividade humana. O imaginário ativado pela memória ou pela realidade circundante, seja ela fictícia ou factual, pode contribuir para expressar os anseios humanos. Anseios, esses, que se multiplicam como o reproduzir aparentemente infinito de um aquoso caleidoscópio. Aliás, como o próprio ciclo da água que remete sempre ao mito do eterno recomeço...

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria.** São Paulo: Martins Fontes, 1998, 202 p.

BÍBLIA SAGRADA, 39ª edição. São Paulo: Edições Paulinas, 1982

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1999, 996 p.

COSTA, Aramis Ribeiro et al. **O mar na prosa brasileira de ficção**. Ilhéus: Fundação Cultural/Editus, 1999, 137p.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. Trad. Póla Civelli. São Paulo: Perspectiva S.A., 1991, 179p.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia: romance da história da filosofia**. Trad. João Azenha Jr. São Paulo: companhia das Letras, 1995, p. 555.

ISER, Wolfgang. O Fictício e o Imaginário. In: **Teoria da Ficção: Indagações à obra de Wolfgang Iser**. Trad de Bluma Waddington Rocha e João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: UERJ, 1999, p. 65 - 77

_____. **O Fictício e o Imaginário: perspectivas de uma antropologia literária**. Trad. de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996, 368 P.

LAPLANTINE, François e TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997, 83 p.

PAES, José Paulo. Iararana ou Modernismo visto do quintal. In: **Iararana**. São Paulo: Cultrix, 1959, p. 3-19.

PITTA, Sebastião Rocha. **História da América Portuguesa**. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira Ltda, 1950, 493p.

REIS, Alcides Manoel dos. **Candomblé: a panela do segredo**. São Paulo: Mandarim, 2000, 315p.

ROCHA, Everaldo P. G. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SABBAGHI, Rachid. O oceano tenebroso In: **Correio da Unesco**. Ano 19 n° 10/11. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, p.11- 14, 1991.

SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brasil 1500 – 1627**. 5ª edição, São Paulo: Edições Melhoramento, 1965, 527p.

TAUNAY, Afonso d'Escragolle. **Monstros e monstregos do Brasil – ensaio sobre a zoologia fantástica brasileira nos séculos XVII e XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 272 p.

TAUNAY, Afonso d'Escragolle. **Zoologia Fantástica do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1998, 112p.